

72

ARTIGO

UM OLHAR SOBRE
GÊNERO: ESTUDO
DE CASO –
SAMBAQUIEIROS DO RJ

CONSIDERING GENDER:
A CASE STUDY –
SAMBAQUIEIROS OF RJ

Eliana Escórcio¹ e Maria Dulce Gaspar²
e.escorcio@terra.com.br
madugaspar@terra.com.br

¹ Mestre pelo Mestrado de Arqueologia do Museu Nacional,
Universidade Federal do Rio de Janeiro

² Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

ABSTRACT

This is a gender analysis of the mortuary goods found in burials of the Brazilian coastal mounds called sambaquis. It reviews the data produced by different researchers in their studies of the sites of Rio de Janeiro state from the point of view of the archaeology of gender. The analysis indicates that there is no specific attribution to any gender of any kind of goods. There can be a certain tendency towards one of them in some specific cases, but never exclusively, indicating that, in a general way, there was no rigid division in the gender roles in the *sambaquieiros* societies.

KEY WORDS: sambaqui, mortuary goods, gender

RESUMO

Trata-se de um estudo sobre indicativos de gênero em sociedades sambaquieiras a partir da análise dos acompanhamentos funerários. Foram analisados os dados de sepultamento apresentados por diversos pesquisadores de sítios localizados ao longo do litoral do estado do Rio de Janeiro à luz das reflexões da arqueologia de gênero. A análise indica não haver atribuição específica de acompanhamento a nenhum dos gêneros, podendo ocorrer uma tendência maior para um ou para outro com relação a determinados acompanhamentos, mas nunca a exclusividade, apontando, de uma maneira geral, para uma divisão não rígida dos papéis de gênero naquelas sociedades.

PALAVRAS-CHAVE: sambaqui, acompanhamento funerário, gênero

INTRODUÇÃO

Uma releitura das descrições de sepultamentos presentes em sítios de pescadores-coletores do litoral do estado do Rio de Janeiro permite perceber a presença de certos indicativos de elaboração de gênero os quais são objeto desta reflexão. Escórcio (Escórcio 2008) realizou estudo detalhado sobre os acompanhamentos funerários recuperados em vinte e oito sítios localizados na faixa litorânea do estado do Rio de Janeiro que abrange desde a Baía da Ilha Grande até o rio Macaé e detectou que da amostra observada dezoito sítios arqueológicos produziram informações preciosas para a análise referente à construção de gênero em sociedades sambaquieiras. Estes sambaquis foram estudados por diferentes pesquisadores com orientações teórico-metodológicas distintas e, apesar das disparidades de abordagens, apresentam descrições detalhadas sobre o ritual funerário associadas a indivíduos identificados por sexo e idade. São eles, numa seqüência de sul para norte, desde a baía de Ilha Grande até a área do rio Macaé¹:

- área da baía de Ilha Grande: Algodão (Lima, 1991), Peri (Lima, 1991), Ilhote do Leste (Tenório, 2003), Ponta do Leste (Tenório, 2003);
- área da baía de Sepetiba: Zé Espinho (Kneip, 1987);
- área de Saquarema: Itaúnas (Barbosa, 2007), Beirada (Kneip & Machado, 1993), Manitiba I (Kneip, 2001), Moa (Kneip & Machado, 1993), Saquarema (Kneip, Machado & Crancio, 1995; Kneip, 2001), Pontinha (Kneip & Machado, 1993);
- área de Cabo Frio: Forte (Kneip, 1977), Massambaba (Machado, Pons & Silva

1989b), Boqueirão (Machado, Pons & Silva, 1989b);

- área da planície do rio São João: Coron-dó (Machado, 1984; Carvalho, 1983), Ilha da Boa Vista I (Livro de Tombo);
- área do rio Macaé: Tarioba (Machado & Sene, 2001), Ilha de Santana (Lima, 1991).

A faixa litorânea de que trata este artigo começou a ser ocupada por volta de sete mil anos atrás. Os sambaquis estiveram ativos por dezenas, centenas de anos, e foram construídos até o início da era cristã quando grupos ceramistas procedentes da Amazônia e Brasil Central invadiram e ocuparam o território dos pescadores-coletores. Neste momento os Sambaquieiros interromperam o projeto de construção dos sambaquis o qual implicava na preparação e manutenção de um local especial para receber os corpos dos membros da comunidade, corpos que se queria preservados, ao menos o esqueleto, e que se procurou manter íntegro e articulado (Gaspar, Buarque, Cordeiro & Escórcio, 2007:177). Embora ainda pese a suspeita sobre a multifuncionalidade dos sítios da região compreendida entre a Ilha Grande e o rio Macaé e que muitos estudos considerem que os sítios eram locais de moradia, é pertinente destacar que os sepultamentos humanos eram recorrentes nesse tipo de sítio (Gaspar, 1993:77). Corpos e mais corpos sepultados ao longo de dezenas de anos, atribuíam um significado especial aos sambaquis. Mortos demarcavam a paisagem, ordenavam o espaço e eram dispostos de maneira cuidadosa em determinadas áreas dos sítios, em uma organização que nada tem de aleatória. Refere-se a uma ordem, ou melhor, a diversos níveis de ordens

1 Esta seqüência se baseia nas áreas de concentrações de sambaquis ao longo do litoral do RJ conforme organizado por Tenório (2003:177) acrescida da área do rio Macaé, em que não ocorrem maiores concentrações, mas para a qual existem trabalhos com informações pertinentes para esta análise.

articuladas que expressam as gramáticas das relações entre gêneros, classes de idade e demais segmentos sociais aí incluídos organização por parentesco, por atividades etc. Dessa forma, e em contrapartida, o estudo do ritual funerário é uma via de acesso para o entendimento sobre a vida social dos sambaqueiros, especialmente no que se refere a construção de gênero.

Os indicativos que propomos se inserem no contexto da arqueologia de gênero a qual questiona a projeção direta, por vezes inconsciente, dos arranjos de gênero ocidentais contemporâneos sobre o registro arqueológico do período pré-cabralino. As hipóteses aventadas com relação a gênero, em associação à idade, têm a ver com o propósito de colocar no foco de discussão as considerações de ordem social e simbólica, que contribuíram para produzir o registro arqueológico tal qual ele se apresenta, mas que nem sempre recebem a devida atenção. A análise centrou-se em especial nos acompanhamentos funerários e nos dados disponíveis relativos a sexo e idade.

GÊNERO E PAPÉIS SOCIAIS

No contexto da arqueologia americana, o modelo “Homem o Caçador” (Lee & Devore, 1968), e seu complementar “Mulher a Coletora” (Dahlberg, 1981), foram amplamente criticados, em seus pressupostos de divisão rígida de tarefas, a partir do artigo fundador de Conkey e Spector (Conkey e Spector 1984). No Brasil, em contexto antropológico, o entendimento da organização social de sociedades caçadoras-coletoras do Brasil Central a partir de um modelo dual, na linha do estruturalismo de Claude Lévi-Strauss (1970), que associa o homem à cultura e a mulher à natureza, perdurou por longo tempo, mas tem sido alvo de críticas nas últimas décadas, na medida em que a abordagem daquelas mesmas sociedades a partir de outros pontos de vista teóricos per-

mitiram perceber aspectos da organização social que não se enquadravam na perspectiva dualista. Insere-se neste caso o estudo de Vanessa Lea (1999) sobre os Kayapó, grupo Jê do Brasil Central. Entendendo gênero como construção social, ela pôde perceber elementos de participação feminina nas esferas pública, ritual e jural, que o enfoque dual atribuía exclusivamente aos homens.

A idéia de complementaridade entre os gêneros possivelmente se ajustaria melhor em grande parte das situações, como ocorre no caso dos Chipewyan, focado sob um ponto de vista etnoarqueológico por Brumbach e Jarvenpa (Brumbach e Jarvenpa 1977). Os Chipewyan são um povo caçador-coletor da região subártica, para quem a caça representa 90% da subsistência (Sharp, 1981:221). Da caça ao alce e ao caribu participam homens e mulheres em grupos que podem ser formados por várias famílias, por mulher e marido, por pai e filha, por avô e filha, e outras formas de combinação. Os homens realizam a matança propriamente dita, mas as parcerias entre homens e mulheres facilitam o fluxo das atividades sincronizadas e ininterruptas que envolvem deslocamento, rastreamento, abatimento, carneamento, processamento e distribuição da carne, compondo o ato de “caçar” em seu sentido amplo, não restrito ao momento do abate.

Por outro lado, há exemplos etnográficos que rompem com os cânones estabelecidos pela antropologia para os papéis sociais, como as mulheres caçadoras Agta, das Filipinas, responsáveis elas próprias pelo abate de animais de certo porte (Estioko-Griffin & Griffin, 1981:124). Não temos a informação de como são os rituais funerários dessas mulheres caçadoras, se são enterradas com suas armas de caça ou não, mas caso o sejam, o que deduziriam os arqueólogos do futuro sobre essa associação de esqueletos femininos a artefatos usualmente associados aos homens?

Enterramentos de mulheres com armas e artefatos associados a status elevado passaram despercebidos de estudiosos do século XIX e início do XX, que lhes atribuíram o sexo masculino. A essencialização dos papéis de gênero ocidentais contemporâneos somada à tradição que atribuía posição subalterna às mulheres de grande parte das sociedades européias antigas, agravadas pela precariedade dos métodos de análise esquelética da época, tornavam suficiente a dedução do sexo do enterrado a partir de seus acompanhamentos funerários (Adamson, 2005:15).

O enterramento elaborado de um homem freqüentemente vale por si mesmo e o coloca na posição de um grande líder, um enterramento equivalente para uma mulher enseja, em primeiro lugar, especulações em torno de sua associação a homens de prestígio, pelo recorrente critério do duplo padrão, segundo Sarah Nelson (Nelson 2004:106). Para o que se supõe “obviamente” masculino, segundo a divisão de gênero ocidental contemporânea, as inferências são aceitas como não problemáticas, quando os padrões observados no registro diferem dos ocidentais, procuram-se interpretações alternativas. A esse respeito, Parker Pearson refere a uma autocrítica de Ian Hodder pelo uso do duplo padrão na sua interpretação de acompanhamentos masculinos e femininos. “O elaborado simbolismo feminino do Neolítico Antigo no Oriente Próximo, corporificado especialmente em estatuetas, era tratado como demonstrativo tanto de poder como de falta de poder pelas mulheres, enquanto que o elaborado simbolismo masculino do Neolítico Tardio, encontrado principalmente em enterramentos, era aceito sem questionamento como indicativo do poder dos homens.”(Hodder 1991 apud Parker Pearson, 2005: 97).

Em nossa abordagem consideramos uma definição de gênero bastante simples e clara, proposta por Elizabeth Brumfiel (Brumfiel 2006:37) - “um sistema de diferenças culturalmente definidas, atribuídas

aos indivíduos com base em seu sexo biológico” - embora o contexto dos dados arqueológicos que analisamos, no estado atual das pesquisas, não permita ir muito além, em princípio, dos dois sexos biológicos identificáveis nos esqueletos.

Ao optar por uma perspectiva de “gênero”, buscamos nos precaver contra as armadilhas da naturalização de comportamentos a que o termo “sexo” pode facilmente induzir. A redução dos gêneros aos sexos biológicos tem sido a via de projeção no passado dos arranjos de gênero contemporâneos e seus pressupostos comportamentais. Por outro lado, há que se precaver, também, contra um cronocentrismo, ou um etnocentrismo temporal, na expressão de Bettina Arnold (Arnold 2006:156) que, no extremo oposto, tende a rejeitar totalmente a possibilidade de sistemas dicotômicos binários no passado, enfatizando o papel da agência individual a níveis coerentes apenas com a sociedade contemporânea ocidental. Essas posições extremas decorrem de agendas contemporâneas que seguem paradigmas científico-políticos em consonância com a sociedade ocidental atual.

Os arranjos de gênero, tal como se apresentam no ritual funerário, podem representar uma ideologia de gênero que corresponda, ou não, à prática real. É o contexto mais amplo que poderá fornecer elementos para se distinguir entre uma coisa e outra e indicar, ainda, se o gênero era, ou não, uma categoria estruturante para uma determinada sociedade.

CULTURA MATERIAL E ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Os grupos sambaquieiros do litoral do estado do Rio de Janeiro apresentam cultura material, no sentido dos artefatos a eles atribuídos, que poderia ser classificada de extremamente simples, em termos relativos. Cultura material simples freqüentemente induz a uma presunção de

sociedade simples, mas esta inferência não encontra respaldo na etnografia. Simplicidade de cultura material de subsistência não é sinônimo de simplicidade organizacional ou simbólica, como demonstram os Jê do Brasil Central que, por conta da simplicidade dos artefatos associados à subsistência, foram considerados no passado o protótipo das sociedades mais simples de que se pudesse ter notícia. Entretanto, eles “apresentam uma complexidade institucional e política sem paralelos na Floresta Tropical [...] um desenvolvimento notável de instituições comunitárias e cerimoniais”, como ressalta Carlos Fausto (Fausto 2000:67).

Outra idéia associada a sociedades caçadoras coletoras é a da “igualdade social”. Um estudo em conjunto das sínteses etnográficas sobre diversos grupos caçadores-coletores da época contemporânea de Leopoldi (Leopoldi 2004) concluiu que eles se constituem nos grupos mais igualitários que existem, havendo pouca diferenciação de status, prestígio e propriedade entre seus membros. Entretanto, o autor observou a existência de uma desigualdade de gênero, freqüentemente deixada à margem pelos pesquisadores, associada à atividade da caça, especialmente da grande caça, mais valorizada simbolicamente pela sua dificuldade de obtenção e maior valor protéico (Leopoldi, 2004:63). Acrescente-se que a valorização simbólica da caça se dá tanto entre grandes caçadores do Alasca ou Canadá como entre sociedades de horticultores como os Tukano, conforme observado por Viveiros de Castro (Viveiros de Castro 2002: 357). Considerando-se as pontas ósseas encontradas no registro arqueológico como indicativas de atividade de caça e/ou pesca, sua ocorrência em contextos funerários de sambaquis pode ser associada a esses universos simbolicamente valorizados, e é notável que elas ocorram tanto para homens como para mulheres.

Os artefatos de caça/pesca são os mesmos artefatos da guerra. Leopoldi (Leopoldi 2004:61, 66) ressalta que outro aspecto gerador de desigualdade de gênero entre os caçadores-coletores está relacionado à defesa do grupo, atividade masculina, responsável, também, juntamente com a caça, pelo status mais elevado dos homens entre as sociedades caçadoras coletoras. O registro arqueológico dos sambaquieiros não tem apontado para a presença recorrente de atividades relacionadas à violência (Lessa & Medeiros, 2001:90). Sendo assim, pelo menos um dos fatores de desigualdade entre os gêneros propostos para os caçadores coletores contemporâneos, segundo o exposto anteriormente, não estaria presente de forma marcante entre os construtores de sambaquis do litoral do estado do Rio de Janeiro.

Mesmo admitindo-se a igualdade como um forte aspecto de uma sociedade, ela nunca se dá em termos absolutos (Flannagan 1989:247-248). Na prática, o que ocorre são contextos de igualdade e contextos de desigualdade ou assimetria, frutos, nos dois casos, de elaborações sociais.

ARTEFATOS EM CONTEXTO FUNERÁRIO

“Evidências mortuárias se constituem numa das mais reveladoras fontes de informação no que concerne às configurações de gênero de uma dada sociedade [...] (Arnold, 2006:140)”. Especialmente se dispusermos das condições ideais, conforme listadas por Bettina Arnold (Arnold 2006:146): remanescentes esqueléticos bem preservados e analisados independentemente por diversos especialistas, análise genética e de isótopos, grande número de enterramentos escavados sistematicamente, acompanhamentos compondo um conjunto mortuário elaborado, evidências iconográficas e textuais.

Estamos longe disso, no universo de dados desta análise. A revisão bibliográfica

nos coloca frente a descrições de extrema variabilidade quanto ao conteúdo, profundidade, extensão e forma como os dados foram obtidos e apresentados. Boa parte do material disponível são relatos sucintos, pouco detalhados, por vezes imprecisos. Por outro lado, o que está potencialmente representado no contexto do ritual funerário pode corresponder à prática real da ideologia de gênero daquelas sociedades ou não. Ressalte-se, ainda, que “a mulher [ou homem] em contexto funerário não se constitui apenas em um indivíduo construído pelas ideologias de gênero de seu tempo e lugar, mas em uma mulher falecida [ou um homem falecido], em seu túmulo. Os artefatos que a [o] acompanham não estão apenas associados à idéia de feminilidade [masculinidade], mas constituem os objetos apropriados à transição do mundo dos vivos para o mundo dos mortos”, conforme Bettina Arnold (Arnold 2006:137).

Estudos etnográficos não se ocupam com frequência dos significados simbólicos dos acompanhamentos funerários em contexto de caçadores coletores. As situações reproduzidas a seguir foram reunidas por Ucko (Ucko 1969):

“[Entre os Nankanse, de Gana, objetos encontrados em enterramentos pertencem a pessoas vivas.] Isto se dá quando a alma da pessoa fica presa no túmulo durante as atividades de enterramento e o encarregado da cerimônia não conseguiu retirá-la dali. Quando isto ocorre, seus objetos preferidos são colocados dentro da cova porque, enquanto permanecerem ali, a pessoa não morrerá. [...] Entre os Lugbara, de Uganda, os objetos são expressão de aspectos da personalidade social da pessoa falecida: um homem pode ser enterrado com seu estojo de carregar flechas, representando sua atividade de caçador ou guerreiro; sua cabaça, representando sua maturidade de pessoa que bebia com outros homens maduros; com seu banco, representativo da idade avançada;

seus objetos rituais, representando seu status de agente intermediador. Uma mulher pode ser enterrada com suas contas, representando seu status de mulher nova; com suas perneiras, representando seu status de esposa e com sua mó, representando seu status de mãe” (Middleton, 1960 apud Ucko, 1969:265).

A primeira situação exemplifica uma situação de elaboração complexa associada à ausência de objeto no enterramento. A segunda situação descrita poderia se aplicar a um número razoável de caçadores-coletores, mas certamente não é a única situação possível, como mostram os casos a seguir:

“Podem existir oferendas que nunca chegam ao túmulo por duas razões principais, ou porque foram destruídas antes do enterramento, ou porque estão “simbolicamente” ali [...]. Assim, os LoDagaa, de Gana, são um grupo de pessoas que têm uma mitologia e uma crença explícitas e bem-desenvolvidas sobre o outro mundo [...] Aos mortos são dadas oferendas no túmulo apenas nominalmente, porque a maior parte é consumida durante as cerimônias funerárias. Entre os Lober, que vivem próximos, nenhuma oferenda é colocada no túmulo porque as armas do falecido são postas junto a ele na cerimônia de enterramento e, por meio deste ato simbólico, ele pode levá-las consigo” (Rattray, 1932 apud Ucko, 1969:266).

As descrições de enterramentos nos trabalhos sobre sambaquis que revisamos comumente ressaltam ausência de padrões observáveis ou recorrentes. O significado simbólico preciso dos arranjos funerários nos é virtualmente inacessível, no estado atual das pesquisas. Entretanto, a ausência de padrão não pode ser entendida como ausência de informação, mas um dado em si a ser interpretado, carregado de significado, ainda que de difícil decodificação.

OS ACOMPANHAMENTOS

Não se observa artefato de acompanhamento exclusivamente associado a homem

ou a mulher nos contextos funerários sambaquieiros revisados. Esse perfil não parece coerente com uma divisão estrita de papéis entre os gêneros segundo os modelos Man the Hunter / Woman The Gatherer. Se o registro arqueológico espelha, em algum nível, construção social de gênero, ele aponta mais para uma manifestação de variados arranjos de gênero. Entretanto, contra um fundo geral de extrema plasticidade, é possível perceber na distribuição de determinados acompanhamentos um certo direcionamento, uma certa tendência para um ou outro gênero, mas nunca de forma absoluta.

Da cultura material dos construtores de sambaquis, observam-se, em contexto funerário, pontas ósseas de vários tipos, elementos líticos e malacológicos, adornos de diferentes materiais e corante na forma de concreções ou sedimentos. São artefatos associados tanto ao exercício de atividades de subsistência, de caráter utilitário, quanto ao universo puramente simbólico, ressaltando-se, entretanto, que em contexto funerário, artefatos de caráter utilitário também estão imbuídos de atribuição simbólica.

CORANTE

O corante é o componente mais comum em cenário de enterramento e seu uso é muito antigo (Mithen, 1996: 36). Entre os pescadores-coletores do litoral do estado do Rio de Janeiro, o corante aparece na forma de concreções ou sedimentos coloridos, a maioria na cor vermelha, mas ocorrendo também na cor amarelada. Em alguns dos trabalhos as descrições são muito sucintas, apontando-se apenas a “presença de corante”, não ficando muito claro sob que forma específica. Há sítios em que o corante está presente

de forma marcante, há sítios onde ele está totalmente ausente; no Beirada e no Moa, na área de Saquarema, ao longo de toda a ocupação, os enterramentos se caracterizam por forte presença de corante e sedimentos vermelhos. Eles se apresentam em formas elaboradas, nos termos de Kneip & Machado (Kneip e Machado 1993) como “envolvendo os ossos”, “sobre membros inferiores”, em “concreções sobre o tórax”, neste último caso, descritos exclusivamente para mulheres. No Beirada, camada III, as concreções e os sedimentos vermelhos são as únicas formas de acompanhamento descritas. Nos sambaquis de Saquarema e Pontinha, na mesma área de Saquarema, os corantes e os sedimentos vermelhos mostram-se praticamente ausentes dos enterramentos.

O corante (ou a sua ausência) aparece assim distribuído entre os gêneros, segundo os sítios, nas descrições que o associam ao esqueleto (Tabela 1).

TABELA I

CORANTE

SÍTIO	Nº TOTAL M	Nº TOTAL H	PRESENÇA / AUSÊNCIA DE CORANTE ASSOCIADO AO ESQUELETO
Algodão	5	4	1 H com corante
Peri	-	1	ausência de corante
Ilhote do Leste	2	12	1 H com corante
Ponta do Leste	-	1	1 H com corante
Zé Espinho	7	13	M e H sem corante
Itáúnas	1	2	1 M e 2 H com corante
Beirada	15	13	8 M e 6 H com corante
Manitiba I	1	1	1 M e 1 H com corante
Moa	12	13	9 M e 9 H com corante
Saquarema	5	4	M e H sem corante
Pontinha	6	9	1 H com corante
Forte	1	4	1 M e 3 H com corante
Massambaba	4	5	3 H com corante
Boqueirão	2	2	M e H sem corante
Corondó	32	25	22 M e 19 H com corante
Ilha da B. Vista I	5	9	1 M e 4 H com corante
Tarioba	3	6	2 H com corante
Ilha de Santana	1	1	M e H sem corante

LEGENDA: M = mulheres H = homens

As amostras mais significativas apontam para uma distribuição equilibrada entre os gêneros, tanto no caso de presença do corante enquanto acompanhamento, como no Beira-

da, Moa e Corondó, como para sua ausência, como é o caso do Zé Espinho. No Pontinha, este equilíbrio também se verifica, com apenas um homem com corante atribuído. Observe-se, ainda, para o Saquarema, a situação em que homens e mulheres não apresentam o corante em seus enterramentos.

PONTAS ÓSSEAS

Os artefatos descritos como pontas ósseas se apresentam distribuídos entre mulheres e homens conforme Tabela 2.

TABELA 2
ATRIBUIÇÃO DE PONTAS ÓSSEAS

SÍTIO	Nº TOTAL		COM PONTAS	
	M	H	Nº M	Nº H
Ilhote do Leste	2	12	0	9
Zé Espinho	7	13	1	2
Itaúnas	1	2	1	1
Saquarema	5	4	1	0
Pontinha	6	9	1	2
Corondó	32	25	5	3
Ilha da Boa Vista I	5	9	1	1
Tarioba	3	6	0	2

LEGENDA: M = mulheres H = homens

Consideramos no quadro apenas as pontas ósseas com provável função de ponta de projétil, não incluindo as descritas como furadores, nem aquelas associadas à causa mortis do indivíduo, ou seja, incluímos apenas as pontas potencialmente associáveis às atividades de caça/pesca. Usualmente, dentro de uma perspectiva de naturalização dos gêneros, essas atividades são associadas aos homens e, supostamente, as pontas de projétil tenderiam a ocorrer predominantemente para eles. Entretanto, o quadro de distribuição das pontas ósseas apresenta um perfil geral de equilíbrio, com um pequeno predomínio para os homens. A exceção é o sítio Ilhote do Leste, em que as pontas ocorrem exclusivamente para eles, mas pode estar ocorrendo um fator de subrepresentação das mulheres na amostra

deste sítio, pois um grande número de indivíduos não teve o sexo identificado no trabalho revisado, de Cristina Tenório (Tenorio 2003)². Para um total de trinta indivíduos com pontas ósseas, cerca de 67% são homens e 33% mulheres, mas, se excluirmos os nove homens do Ilhote do Leste, para o restante do conjunto há cerca de 53% de homens e 47% de mulheres com pontas ósseas, um perfil geral de não exclusividade de gênero.

Mulheres podem caçar, como ocorre entre os Agta, que caçam animais como porcos selvagens e veados, e algumas delas são consideradas excelentes caçadoras com arco e flecha. (Estioko-Griffin & Griffin, 1981:121-129). O registro arqueológico, tal qual se apresenta, não fornece motivos substanciais para excluir, por princípio, a participação de mulheres sambaqueiras das atividades de caça/pesca, a não ser se optarmos pelo critério do duplo-padrão.

No primeiro conjunto, foram incluídos os líticos que nas descrições arqueográficas aparecem com função especificada e claramente atribuídos a um determinado homem ou mu-

TABELA 3
ATRIBUIÇÃO DE LÍTICOS

SÍTIO	Nº TOTAL		COM LÍTICOS		DESCRIÇÃO:
	M	H	Nº M	Nº H	
Ilhote do Leste	2	12	0	6	polidor (2 H), lasca (4H)
Zé Espinho	7	13	2	1	percutor (1M), percutor-polidor (1M,1H)
Moa	12	13	1	1	almofariz (1M), quebra-coquinho (1H)
Forte	1	4	0	1	almofariz (1H)
Massambaba	4	5	1	2	lasca (1M, 1H), raspador, faca (1H)
Corondó	32	25	4	5	raspador (2M, 1H), polidor-raspador (1M), moedor (1M), percutor (2H), faca (1H), polidor (1H), raspador (1H)
Ilha da Boa Vista I	5	9	0	1	percutor-polidor (1H)

LEGENDA: M = mulheres H = homens

lher. Os “seixos pintados” e as lâminas de machado foram analisados separadamente.

No geral, temos mulheres e homens com “polidores”, “raspadores”, “percutores”, almofarizes (Tabela 3). “Lascas”, por si sós, não definem claramente uma função, elas ocorrem mais comumente associadas ao uso como “ras-

² Um estudo de Rodrigues-Carvalho (2004) relaciona oito mulheres no Ilhote do Leste, mas, pela natureza das questões ali consideradas, não há referência aos respectivos acompanhamentos funerários.

padores” ou “facas” (Laming-Emperaire, 1967:67) e, assim denominadas, aparecem também para homens e mulheres. Há uma única mulher com “moedor”, um único homem com “quebra-coquinho”. O conjunto não define uma polaridade de gênero em relação a quaisquer dos artefatos líticos utilitários, nem se quer uma tendência, com exceção do Ilhote do Leste, com um número absoluto de homens acompanhados por artefatos líticos dos tipos “polidores” e “lascas”, mas, neste caso, estaria ocorrendo, também, o mesmo fator de sub-representação das mulheres na amostra, como ocorreu em relação às pontas ósseas.

As “lâminas de machado polidas” (ou “lascadas e polidas”) apresentam um perfil predominantemente masculino nos sítios em que ocorrem (Tabela 4):

TABELA 4

ATRIBUIÇÃO DE LÂMINAS DE MACHADO POLIDAS		
SÍTIO	Nº M	Nº H
Ilhote do Leste	1	4
Zé Espinho	0	1
Moa	2	3
Forte	0	1

LEGENDA: M = mulheres H = homens

No Moa, elas se apresentam assim distribuídas, entre homens e mulheres (Tabela 5):

TABELA 5

LÂMINAS DE MACHADO / MOA		
GÊNERO	IDADE	DESCRIÇÃO:
H	30/35 anos	2 lâminas
H	30/35 anos	2 lâminas
H	mais de 25 anos	1 lâmina
M	30/35 anos	1 lâmina
M	40/50 anos	1 lâmina

LEGENDA: M = mulher H = homem

Considerando a quantidade como um componente das construções simbólicas, uma lâmina única para as mulheres, sendo uma delas bem idosa para os padrões em sambaquis, as colocariam em patamar simbólico semelhante ao do homem mais jovem com apenas uma lâmina. Assim colocado, em termos de status relativo o conjunto do Moa indicaria um patamar para as mulheres não equivalente aos dos homens na mesma faixa etária aproxima-

da. Para além das categorizações de hierarquia, entretanto, é possível pensar esse perfil do registro arqueológico em termos de uma aproximação dos universos feminino e masculino na idade avançada. Algo de natureza semelhante ao que ocorre na sociedade Kayapó (grupo Jê, do Brasil Central), em que “a idade tende a dissolver a distinção entre os sexos [...] quando as mulheres tornam-se avós, detêm o mesmo prestígio que os avós, e até falam em reuniões importantes na casa dos homens. [...] É como se a sexualidade se evaporasse na velhice, dissolvendo a distinção entre homens e mulheres.”(Lea,1995:99-100).

No Ilhote do Leste, a lâmina de machado polida é um artefato emblemático, de cunho fortemente simbólico, encontrado apenas em contexto de enterramento (Tenório, 2003:452) e se apresenta assim distribuída na amostra considerada (Tabela 6):

TABELA 6

LÂMINAS DE MACHADO / ILHOTE DO LESTE		
GÊNERO	IDADE	DESCRIÇÃO:
H	15/17 anos	o sepultamento mais elaborado do conjunto
H	20/34 anos	machado sobre joelho
H	45/55 anos	machado maior sobre machado menor
H	?	-
M	30/45 anos	-

LEGENDA: M = mulher H = homem

Uma interpretação semelhante à atribuída ao Moa – lâminas de machado para homens de faixas etárias variadas e para mulheres preferivelmente de mais idade – depende de estudos baseados em amostras mais representativas de indivíduos identificados por sexo e em associação aos seus respectivos acompanhamentos funerários.

SEIXOS PINTADOS

Os seixos polidos, com ou sem corante, parecem se incluir entre os acompanhamentos imbuídos de uma função simbólica especial, por sua recorrente associação ao corante e por sua disposição especial em muitos dos enterramentos, conforme sugerem as descrições. A alguns deles também é

atribuída função utilitária. Eles se apresentaram assim distribuídos (Tabela 7):

TABELA 7

ATRIBUIÇÃO DE SEIXOS PINTADOS		
SÍTIO	GÊNERO	IDADE
Zé Espinho	M	25/35 anos
	H	25/30 anos
	M	18/19 anos
Corondó	M	30/35 anos
	M	30/35 anos
	M	mais de 30 anos
	C	6 meses/1 ano
	M	41 anos
	C	6 meses/1 ano
	M	25/30 anos
	6 C	várias idades
	M	57 anos
	M	mais de 50 anos
	M	20/25 anos
	4 C	várias idades
	M	17/18 anos
	M	mais de 30 anos
H	26 anos	
4 C	várias idades	
H	mais de 50 anos	
Tarioba	M	30/35 anos
	H	até 25 anos
	C	2/3 anos
	H	35/45 anos

LEGENDA: M = mulher H = homem C = criança

No Corondó, o seixo pintado se apresenta fortemente ligado às mulheres e aparentemente imbuído de um caráter associativo em enterramentos de mulheres com crianças. Para o conjunto dos outros sítios, o seixo pintado aparece para os dois gêneros, sem nenhum caráter de predominância.

CONCHAS

As conchas descritas como de caráter utilitário nas obras revisadas aparecem em número surpreendentemente pequeno nos enterramentos. As de caráter não utilitário ocorrem na forma de pingentes ou dispostas de uma maneira aparentemente especial. No sítio Itaúnas, elas aparecem cobrindo as órbitas da face em dois indivíduos, uma mulher e um homem, em um enterramento triplo; no Zé Espinho, quinze conchas *Lucina pectinata* estão arrumadas junto ao crânio de uma mulher; no Corondó, uma concha banhada de ocre ocorre entre dois enterramentos, um deles tratando-se de um homem de 46 anos com pingente lítico, facas de quartzo hialino e uma ponta óssea pintada. O museu a céu aberto do sítio

Beirada, em Saquarema, exibe o enterramento de um indivíduo com várias conchas dispostas sobre o tórax, dando a idéia de um “manto”.

ADORNOS

A classificação como adorno envolve aspectos como presença de orifício, disposição seqüencial das peças e sua posição em relação ao corpo no contexto do enterramento. Em determinadas circunstâncias, vértebras sem orifício também são entendidas como adornos. Os adornos encontrados em enterramentos de pescadores coletores são confeccionados em diferentes materiais como conchas, líticos, vértebras de peixe e dentes de animais, entre os mais comuns. Dentes humanos como adornos só aparecem em um único sítio, o Corondó, um deles associado a uma mulher e o outro a um indivíduo sem identificação por gênero. Na Ilha de Santana relata-se a presença de dentes humanos próximos a um indivíduo de meia-idade, porém não são descritos como acompanhamentos, não têm orifício e, por suas características, diversas das dos habitantes locais, foram interpretados como possíveis “troféus” (Lima, 1991:632).

Os adornos se distribuem para mulheres e homens da seguinte forma (Tabela 8):

TABELA 8

ATRIBUIÇÃO DE SEIXOS PINTADOS		
SÍTIO	GÊNERO	IDADE
Zé Espinho	M	25/35 anos
Moa	H	25/30 anos
	M	18/19 anos
Corondó	M	30/35 anos
	M	30/35 anos
	M	mais de 30 anos
	C	6 meses/1 ano
	M	41 anos
	C	6 meses/1 ano
	M	25/30 anos
	6 C	várias idades
	M	57 anos
	M	mais de 50 anos
	M	20/25 anos
	4 C	várias idades
	M	17/18 anos
	M	mais de 30 anos
H	26 anos	
4 C	várias idades	
H	mais de 50 anos	
Tarioba	M	30/35 anos
	H	até 25 anos
	C	2/3 anos
	H	35/45 anos

LEGENDA: M = mulher H = homem C = criança

Há adornos de vértebras de peixe, conchas, líticos e dentes de animais para homens e mulheres no conjunto dos sítios. É forte a presença de dentes de animais para as mulheres, especialmente no Corondó, mas ela não se restringe a este sítio.

No Ilhote do Leste, as duas mulheres identificadas têm dentes de animais, mas não foram incluídas na tabela porque os dentes, sem perfuração, não foram descritos como adorno na obra revisada. No todo, são no mínimo quatro os sítios onde há mulheres com adornos de dentes de animais e dois aqueles onde há homens com esses acompanhamentos, uma pequena predominância para as mulheres para este tipo de adorno, os quais, juntamente com as pontas ósseas, em termos da nossa cultura, esperaríamos encontrar predominantemente associados ao gênero masculino. O quadro abaixo mostra que não há associação exclusiva de animal a nenhum dos gêneros (Tabela 9):

TABELA 9

ADORNOS COM ANIMAIS IDENTIFICADOS		
SÍTIO	GÊNERO	ANIMAL
Ilhote do Leste	H	felino
	H	seláquio e primata
	H	seláquio
Beirada	M	primata
Corondó	M	cachorro do mato
	M	felino
	M	seláquio
	H	felino
	H	cachorro do mato

LEGENDA: M = mulher H = homem

CENÁRIOS DE ENTERRAMENTO

Apresentamos a seguir uma seleção de sepultamentos que buscamos ler sob um enfoque centrado no gênero e à luz dos levantamentos expostos anteriormente.

De acordo com as descrições revisadas, não há um único enterramento igual ao outro, mesmo no conjunto de um mesmo sítio ou camada identificada pelo pesquisador. A semelhança aparente só se dá quando a descrição

corresponde a “ausência de acompanhamento”. Onde eles são referidos, a variabilidade é a regra. Os arranjos, as disposições, as quantidades variam sempre, produzindo em cada contexto funerário um cenário próprio exclusivo àquele enterramento em especial. Os cenários que escolhemos abrangem, aproximadamente, toda a extensão geográfica e temporal da amostra. São contextos de enterramento do Ilhote do Leste, Itaúnas, Forte e Corondó.

ILHOTE DO LESTE

No Ilhote do Leste, só há duas mulheres identificadas na amostra da obra revisada, uma mais jovem (S5, N°6), e outra com idade avançada (D1, N° 31). Contrastamos esses dois enterramentos com os enterramentos de um homem jovem (S7, N° 8) e de um homem de mais idade (B1 N° 25).

Mulher jovem (S5, N°6)

Ela tem entre 18 e 20 anos e foi sepultada junto a uma rocha. Como acompanhamento, um pingente lítico, junto a seu corpo há também um dente de animal.

Homem jovem (S7- N°8)

Este jovem de 15 a 17 anos teve o crânio coberto de conchas e uma lâmina de machado depositada sobre sua cabeça. Ele está acompanhado de numerosas pontas ósseas, um adorno de canutilhos de osso – artefatos pouco comuns – e dois dentes de tubarão. Os ossos se apresentam recobertos de amarelo e havia argila sobre a pélvis. Do ritual funerário restaram ainda vestígios de peixe e macaco. É o enterramento mais elaborado do Ilhote do Leste, segundo Cristina Tenório (2005: 461).

Mulher mais velha (D1-N°31)

Trata-se de uma mulher na faixa de 30 / 45 anos, acompanhada de uma lâmina de machado. Ao enterramento estão associadas uma fogueira e concreção avermelhada.

3 A descrição pormenorizada do enterramento B1-N°25 que apresentamos aqui nos foi gentilmente cedida por Cristina Tenório, em documento à parte, não constando de sua Tese de Doutorado, base de nossas reflexões sobre o Ilhote do Leste.

Homem de idade avançada (B1-Nº25)

Este homem, de 45 / 55 anos de idade, tem duas lâminas de machado próximas à escápula e ao crânio, a maior posicionada sobre a menor. Um pouco acima das lâminas, à direita, há um seixo-alisador; à esquerda e entre as costelas encontram-se fragmentos de lâminas de machado; no pescoço há um lítico triangular em basalto; próximo ao braço direito, um fragmento ou núcleo de bloco de arenito e, próximo às costelas, está posicionado um quebra-coquinho ou batedor. Grandes “lápides” encontram-se sobre seus pés. Ocorre corante no sepultamento.

Os dois enterramentos masculinos apresentam-se aparentemente mais elaborados do que os enterramentos femininos, na forma de maior quantidade de artefatos e no que isto possa implicar em termos simbólicos.

A mulher de mais idade tem uma lâmina de machado, o homem mais velho tem duas, e há referência a três outros homens com lâminas de machado no sítio (Tenório, 2003:461).

ITAÚNAS

Dois homens e uma mulher (Nº1)

Trata-se de um sepultamento triplo minuciosamente descrito por Márcia Barbosa (2007:164) em todas as suas etapas, de cuja descrição apresentamos um resumo. A área em redor do sepultamento estava delimitada por estacas que possivelmente sustentariam uma estrutura leve. Os três indivíduos, dispostos em uma mesma orientação, encontravam-se cobertos por sedimento arenoso avermelhado que impregnou ossos, objetos e fauna que compunham a parafernália ritual. A mulher posicionada à esquerda no conjunto tem cerca de 30 anos de idade. Ela encontrava-se em decúbito dorsal com a face para cima, em posição estendida dos membros inferiores e superiores. Duas valvas de *Lucina pectinata* estavam posicionadas sobre cada ór-

bita da face, havia uma ponta óssea sobre o fêmur direito. Ao centro, um homem de cerca de 20 anos, membros igualmente estendidos, em decúbito dorsal e face voltada para o Leste. Duas valvas de *Lucina pectinata* cobriam as órbitas da face deste homem, um seixo polido posicionava-se entre seus membros inferiores e outro na altura da mão direita. O terceiro indivíduo, posicionado à direita do conjunto, trata-se de um homem de mais de 20 anos, em decúbito ventral, face para Oeste e membros inferiores e superiores estendidos. Este homem tinha um adorno de placa óssea e duas pontas junto às costelas, lado direito.

Na percepção de Barbosa, as características do sepultamento indicam algum tipo de relação que aproxima os três, compondo um “grupo de afinidade”⁶, reforçada por ocasião da morte, ao mesmo tempo em que os diferenciam, remetendo, possivelmente, a diferenças de status (Barbosa, 2007:164).

Ocorreria, ao mesmo tempo, uma construção simbólica da diferença e uma construção simbólica da semelhança. O enterramento comum, o sedimento com corante avermelhado que os recobre, o mesmo direcionamento dos corpos aproximam os três. Mulher e homem têm conchas cobrindo as órbitas da face, há mulher e homem com pontas ósseas associadas. Um dos homens tem seixos polidos, o outro não. Os gêneros, da forma como expresso pelo ritual funerário, parecem se construir sem barreiras rígidas. A mulher tem acompanhamentos que são comuns com os homens. Elementos simbólicos aproximam a mulher daquele homem que, assim como ela, tem uma ponta óssea em seu enterramento, ao mesmo tempo em que outros elementos simbólicos os diferenciam, como o adorno de placa óssea atribuído a ele. É o mesmo adorno que também o diferencia do outro homem. Este tem um seixo polido que o primeiro homem e a mulher não têm. Questões de diferenças de status podem estar em jogo, como sugere-

riu Barbosa (Barbosa 2007:164), indicativas de níveis sociais relativos de superioridade/inferioridade. Sugerimos que as elaborações simbólicas expressas seriam indicativas de níveis de igualdade e desigualdade, expressão de diferentes personas sociais que um mesmo indivíduo pode encarnar dentro de um grupo social, que não são necessariamente superiores ou inferiores, mas simplesmente diferentes.

FORTE

Escolhemos 3 situações para o Forte, uma mulher, a única identificada da amostra (Nº 14), e dois homens (Nº 7 e Nº 11), um deles com o acompanhamento mais elaborado do conjunto, no sentido de maior quantidade de acompanhamentos preservados (Nº 7), .

Homem (Nº 7) – Homem (Nº11)

O homem do sepultamento Nº 7 tem vários acompanhamentos: um almofariz, uma lâmina de machado polida, seixos, vértebras de peixe polidas enfileiradas sob o pé direito e duas mandíbulas de teiú, um réptil. Corpo em decúbito lateral esquerdo, perna direita fletida, perna esquerda estendida, os dois braços alongados sobre a perna fletida, conforme os termos descritivos de Kneip (Kneip 1977:116).

O outro homem (Nº 11) tem matéria corante amarelada entre as costelas e um fragmento lítico sobre uma das órbitas da face. Corpo em decúbito lateral direito, pernas fletidas (Kneip, 1977:117).

Mulher (Nº 14)

A mulher é descrita como de faixa etária “jovem”, junto ao seu crânio encontra-se matéria corante amarelada e sobre ele há um fragmento lítico. Os braços, semi-fletidos, tinham as mãos apoiadas sobre o ventre. Corpo em decúbito dorsal (Kneip, 1977:118).

Lina Kneip vê diferenças de status nas formas de elaboração do acompanhamento. O homem (Nº 7) com um sepultamento dentre os mais elaborados do Forte teria, deste ponto de vista, um status especial (Kneip, 1977:119)

Identificamos elementos de diferenciação

que não implicariam necessariamente hierarquia. A construção simbólica associada à mulher, de deposição do fragmento lítico sobre seu crânio e a presença de corante de coloração amarelada junto a ele, têm elementos de semelhança com a composição simbólica atribuída ao homem do sepultamento de Nº 11, com corante amarelado entre as costelas e um lítico depositado na órbita esquerda da face. Líticos e corante amarelado, porém em arranjos próprios, diferenciados.

Os dois homens encontram-se em decúbito lateral, um esquerdo e outro direito, a mulher se encontra em decúbito dorsal. Poderia ser um traço de delimitação dos gêneros, mas há um outro homem no conjunto (Nº 13) também em decúbito dorsal.

CORONDÓ

Selecionamos da amostra deste sítio, dois cenários de enterramento conjunto de adulto com criança: o primeiro com mulheres e crianças e o outro com homem e criança.

Mulheres e crianças (Nº 64 / 72)

Trata-se de um enterramento múltiplo composto por mulher (72 A) e criança (64 A) enterradas juntas, esta mulher com idade calculada em 41 anos, próximo a elas outra mulher (72 B), idade estimada em mais de 35 anos, e mais três crianças (64 B / 64 C / 72 C). Todas as crianças encontram-se distribuídas numa faixa etária de seis meses a um ano de idade. Observa-se uma diferenciação entre as duas mulheres quanto aos acompanhamentos que permaneceram no registro arqueológico, assim como entre as crianças. A mulher e a criança enterradas juntas apresentam acompanhamento mais elaborado, a mulher tem dois artefatos líticos – um polidor e um raspador – um instrumento de concha Macrocalista maculata e uma ponta óssea. Um seixo pintado é associado a ambas. A criança, em orientação oposta a da mulher, junto a seus membros inferiores, apresenta, próximo a seu crânio, adornos, um

com 35 dentes humanos, outro com 9 dentes de animais (3 de jacaré, 5 de primata, 1 de seláquio) e ainda 206 fragmentos de conchas, descritos como “canutilhos”, impregnadas de ocre. Há material corante em torno dos esqueletos. As outras crianças não têm adornos. A outra mulher tem apenas corante. Ao conjunto todo, compondo a cova comum, Machado associa lentes de areia branca, rosada e amarela “envolvendo os esqueletos”, componente raro em enterramentos no sítio, encontrado, em geral, quando há crianças (Machado, 1984:47 – 51, 353).

Homem e criança (Nº 88 / Nº91)

Trata-se de um homem de mais de 50 anos de idade que apresenta como acompanhamentos funerários resíduos de material corante em torno do esqueleto, além de abundantes resíduos de madeira que se estendiam da mandíbula até a cintura pélvica, um cipó identificado como da família Menispermaceae, entre as quais encontram-se plantas utilizadas na fabricação de curare, veneno de flecha, utilizado tanto na caça como na guerra (Machado, 1984:146). Machado refere-se, ainda, à presença ao lado direito do crânio de um fragmento de seixo de quartzo (batedor) impregnado de ocre. A criança encontra-se sobre os fêmures do homem, orientada no mesmo sentido dele. Ela tem entre 9 e 10 anos de idade e leva um adorno lítico pingente, um outro com 11 dentes humanos e ainda um terceiro com 9 dentes de animais (6 de felino, 3 de primata). Em torno do conjunto de homem e criança havia muitos resíduos de material corante, bem como da mesma madeira já mencionada anteriormente.

No Corondó são muitos os enterramentos de mulheres com crianças, mas ocorrem também os de homens com crianças, inclusive com criança pequena. Nos dois conjuntos descritos, corante envolve adulto e criança. Há Instrumentos líticos associados a uma das mulheres, ao homem está associado um bateador com ocre. Essa mesma mulher tem uma ponta óssea. A

criança junto a ela (64 A) e a criança junto ao homem (91) têm acompanhamentos especiais, que são os adornos de dentes de animais e de dentes humanos, com grande quantidade de peças componentes. O adorno de canutilho é único em todo o conjunto de enterramentos do Corondó. Um homem e uma mulher acompanhando, ou sendo acompanhados, por crianças com acompanhamentos especiais, no sentido de atribuídos a um número pequeno delas no contexto do sítio. Esta mulher, por outro lado, se distingue claramente da outra no primeiro cenário de sepultamento, a qual tem apenas corante. Mesmo considerando-se que acompanhamentos que originalmente integravam o ritual funerário não se tenham preservado, o que ficou no registro expressa diferenciações sociais entre essas mulheres, cuja natureza exata não podemos inferir.

Em relação aos corpos, observam-se disposições especiais para a mulher e para o homem. A mulher encontra-se em decúbito lateral esquerdo – o decúbito dorsal é a posição mais freqüente no sítio. O homem tem a mão sobre a região pubiana, disposição pouco comum no conjunto do sítio, mas majoritariamente associada aos homens (Machado, 1984:159).

Os cenários que descrevemos comportam elementos de aproximação e distanciamento entre homens e mulheres, de aproximação e distanciamento de mulheres entre si, e de aproximação e distanciamento de homens entre si, coerentes com personas sociais diferenciadas, desiguais, talvez hierarquicamente diferenciadas em algumas situações, mas não necessariamente. Os elementos que compõem esses cenários de enterramento isoladamente podem se repetir, mas sempre de uma maneira própria em cada caso, combinados de uma forma que nunca são exatamente iguais, e essa parece ser a regra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para tentar produzir inferências sociais sobre os pescadores coletores do estado do Rio de Janeiro não contamos nem com o recurso da etnohistória, nem com paralelos etnográficos diretos em virtude desses grupos terem deixado de existir muito tempo antes da chegada dos europeus ao continente americano. Nosso procedimento foi abordá-los em conjunto, na expectativa de que o somatório das informações dos sítios para os quais os dados são escassos, que são a maioria, com as informações mais minuciosas e abundantes de alguns poucos, possibilitasse elaborar um pano de fundo para a reflexão sobre categorias de gênero naquelas sociedades.

A primeira grande impressão que o registro arqueológico dos acompanhamentos funerários presentes em sambaquis produz é a de uma grande variabilidade que nos desafia, que nos desconcerta. Quando se imagina haver encontrado uma regra geral, logo uma outra situação a contesta, a invalida. A conclusão de um levantamento das características presentes nos enterramentos em sambaquis de São Paulo se aplica também, em linhas gerais, aos sambaquis do Rio de Janeiro, qual seja a existência de apenas três padrões definidos: a convivência entre vivos e mortos, conforme proposto por uma das autoras (Gaspar, 1994-1995:221-237); o sepultamento indiferenciado de pessoas de ambos os sexos e de todas as faixas etárias e a grande predominância de enterramentos primários (Wesolovsky 2000:190-195).

A busca por padrões e a constatação de que eles raramente existem, como se observa nos relatos das arqueografias, conduz a um sentimento de falta, de carência, que tem resultado numa atribuição de simplicidade simbólica e social aos construtores de sambaquis. Diante dos exemplos etnográficos levantados, entre os quais aqueles em que a própria ausência de acompanhamento pode encobrir construções

de extrema riqueza simbólica, não cabe pressupor para os arranjos funerários dos sambaquis simplicidade de significação.

A perspectiva de longo prazo que adotamos pareceu indicar duas tendências recorrentes ao longo do tempo: a variabilidade nos cenários de ritual funerário no conjunto de um mesmo sítio e entre sítios, e uma atribuição de acompanhamentos que não demarca uma linha divisória rígida entre os gêneros, ocorrendo, entretanto, para certos artefatos tendências mais marcantes, como atribuir lâminas de machado aos homens no Moa e, possivelmente, no Ilhote do Leste, e de seixos pintados às mulheres no Corondó

Acompanhamentos que se espera associados ao universo masculino, dentro da perspectiva ocidental contemporânea, como pontas ósseas, artefatos de caça/pesca (ou guerra), são recorrentemente encontrados com mulheres, juntamente com os adornos que supostamente se correlacionariam a estas atividades, que são os adornos de dentes de animais. Eles estão ali, do nível inferior do Algodão ao sítio Ilha da Boa Vista I, passando pelo Beirada e o Corondó, uma interação humano/animal evocativa, sugerimos, do perspectivismo ameríndio descrito por Viveiros de Castro (Viveiros de Castro 2002). Segundo esta concepção do universo simbólico ameríndio, animais se vêem como humanos, o que os difere, homens e animais, é seu aspecto exterior. Adornos de dentes humanos, tratados de forma similar aos dentes de animais, reforçam esta interação.

Para mulheres e homens, os acompanhamentos não falam de divisões rígidas. As lâminas de machado dos contextos funerários parecem fazer parte de um universo masculino, que pode ser apropriado pelas mulheres mais velhas; seixos pintados apareceram em contextos com marcante presença feminina, mas não exclusivamente; dentes de animais e pontas ósseas, artefatos de universos de caça, pesca ou guerra, assim como mós, almofarizes, “quebra-coquinhos”, arte-

fatos estes comumente considerados do universo das lidas “domésticas”, ocorrem tanto para mulheres como para homens.

Quando iniciamos nossa pesquisa esperávamos encontrar padrões, como também buscavam os pesquisadores nos estudos em que nos apoiamos. Se há alguma regra, parece ser a da variabilidade, entre sítios e dentro de um mesmo sítio. Procuramos pôr isto em evidência no transcorrer da análise. Da perspectiva ampla de onde nos colocamos, o que se vê são inúmeras possibilidades

de combinações calcadas nos recursos de uma cultura material relativamente simples. Os exemplos etnográficos que reunimos indicam que elaborações simbólicas densas não dependem de artefatos sofisticados, universos de caçadores-coletores são também espaços de construções sociais carregadas de significado. As sociedades sambaquieras por tanto tempo e, possivelmente, de modo inadequado, vistas como “bandos”, certamente podiam muito mais do que temos sido capazes de lhes reconhecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMSON, M. 2005. An Archaeological Analysis of Gender Roles in Ancient Nonliterate Cultures of Eurasia. Master Thesis. Adelaide, University of South Australia.

ARNOLD, B. 2006. Gender and archaeological mortuary analysis. In: NELSON, S. M. (Ed.). Handbook of Gender in Archaeology. 2. ed. Walnut Creek, Altamira Press, pp. 157-170.

BARBOSA, M. 2007. A ocupação pré-colonial da Região dos Lagos, RJ: sistema de assentamento e relações intersociais entre grupos sambaquianos e grupos ceramistas Tupinambá e da tradição Una. Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo.

BRUMBACH, H. J. & JARVENPA, R. 1997. Ethnoarchaeology of subsistence space and gender: a Subarctic Dene case. *American Antiquity*, July, vol. 62, No 3: 414-456.

BRUMFIEL, E. M. 2006. Methods in feminist and gender archaeology: a feeling for difference – and likeness. In: NELSON, S. M. (Ed.). Handbook of gender in archaeology. 2. ed. Walnut Creek, Altamira Press, pp. 51-57.

CARVALHO, E. T. de. 1985. Estudo arqueológico do sítio Corondó. Missão de 1978. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo.

CONKEY, M. & SPECTOR, J. 1984. Archaeology and the study of gender. *Advances in Archaeological Method and Theory*, 7: 1-38.

DAHLBERG, F. (Ed.). 1981. *Woman the Gatherer*. New Haven & London, Yale University Press.

ESCÓRCIO, E. 2008. Pescadores-coletores do litoral do estado do Rio de Janeiro: um olhar sobre idade e gênero. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ESTIOKO-GRIFFIN, A. & Griffin, P. B. 1981. *Woman the Hunter: The Agta*. In: DAHLBERG, F. (Ed.). *Woman the Gatherer*. London, Yale University Press, 1981, pp.121-151.

FAUSTO, C. 2000. Os índios antes do Brasil. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

FLANNAGAN, J. G. 1989. Hierarchy in simple “egalitarian” societies. *Annual Review of Anthropology*, 18: 245-266.

GASPAR, M.D. 1995. Espaço e tempo no processo de ocupação dos coletores, pescadores e caçadores que ocuparam o litoral do Rio de Janeiro. Programa e Resumos da VII Reunião Científica da SAB, João Pessoa, p. 77.

GASPAR, M.D. 1994-95. Espaço, ritos funerários e identidade pré-histórica. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, v.8 (2): 221-237.

GASPAR, M.D., BUARQUE, A., CORDEIRO, J. & ESCÓRCIO, E. 2007. Tratamento dos mortos entre os Sambaquieiros, Tupinambá e Goitacá que ocuparam a Região dos Lagos, Estado do Rio de Janeiro. *Revista do MAE*, São Paulo, 17:169-189.

KNEIP, L. M. 1977. Pescadores e coletores pré-históricos do litoral de Cabo Frio, RJ. Coleção Museu Paulista (Série Arqueologia), São Paulo, vol. 5.

KNEIP, L. M. (Coord.). 1987. *Coletores e pescadores pré-históricos de Guaratiba – Rio de Janeiro*. Museu Nacio-

nal (Série Livros) V. Rio de Janeiro, UFRJ – UFF.

KNEIP, L. M & Machado, L. C. 1995. Os ritos funerários das populações pré-históricas de Saquarema, RJ: sambaquis da Beirada, Moa e Pontinha. Documento de Trabalho N° 1 (Série Arqueologia), Rio de Janeiro, Museu Nacional, UFRJ.

KNEIP, L. M., Machado, L.C. & Crancio, F. 1995. Ossos humanos trabalhados e biologia esquelética do sambaqui de Saquarema, RJ. Documento de Trabalho N° 5 (Série Arqueologia), Rio de Janeiro, Museu Nacional, UFRJ.

KNEIP, L. M. (Org.). 2001. O Sambaqui de Manitiba I e outros Sambaquis de Saquarema, RJ. Documento de Trabalho N° 5 (Série Arqueologia), Rio de Janeiro, Museu Nacional, UFRJ.

LAMING-EMPERAIRE, A. 1967. Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul. Manuais de Arqueologia n° 2. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas.

LEA, V. R. 1995. Gênero feminino Mebengôkre (Kayapó): desvelando representações desgastadas. Cadernos Pagu, N° 5: 85-115, 1995.

LEA, V. R. 1999. Desnaturalizando gênero na sociedade Mebengôkre. Estudos Feministas IFCS/UFRJ CFH/UFCS, vol. 7, N°1 e 2: 176 -194.

LEE, R.& DEVORE, I. (Eds.). 1968. Man the Hunter. New York, Aldine Publishing Company.

LEOPOLDI, J. S.. 2004. As relações de gênero entre caçadores-coletores. Sociedade e Cultura, jan./jun., v.7, N°1: 61-75.

LESSA A. & MEDEIROS, J. C. de. 2001. Reflexões preliminares sobre a questão da violência em populações construtoras de sambaquis: análise dos sítios Cabeçuda (SC) e Arapuan (RJ). Revista do MAE, São Paulo, 11: 77-95.

LÈVI-STRAUSS, C. 1970. As organizações dualistas existem? In: Lèvi-Strauss, C. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, pp.148-180.

LIMA, T. A. 1991. Dos mariscos aos peixes: um estudo zooarqueológico de mudança de subsistência na pré-história do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo.

Livro de Tombo. Sítio Ilha da Boa Vista I (n°2118 a 2151).

MACHADO, L. C. 1984. Análise de remanescentes ósseos humanos do sítio Corondó, RJ. Aspectos biológicos e culturais. 1984. Tese de Doutorado. São Paulo,

Universidade de São Paulo.

MACHADO, L. C., Pons, E. & Silva, L. 1989b. Os sítios Massambaba (RJ-JC-56) e Boqueirão (RJ-JC-57), Arraial do Cabo. Os padrões de sepultamento. São Paulo, Dédalo, I: 447-454.

MACHADO, L. C. & SENE, G. 2001. Simbolismo, identidade cultural e análise biológica: os remanescentes esqueléticos humanos do Sambaqui da Tarioba. In: A pré-história de Rio das Ostras. Sítio arqueológico sambaqui da Tarioba. DIAS Jr., O., DECCO, J & FROES, M.M. (Orgs.). Rio das Ostras, Fundação Rio das Ostras de Cultura, Inside, pp. 51-87.

MITHEN, S. 1996 [1998, tradução brasileira]. A pré-história da mente. Uma busca das origens da arte, da religião e da ciência. São Paulo, Editora Unesp.

Nelson, S. M. 2004. Gender in archaeology. Analyzing power and prestige. 2nd. ed. Oxford, Alta Mira Press.

Parker Pearson, M. 2005. Gender and kinship. In: The archaeology of death and burial. 2nd. ed. 2003 (reprinted). Gloucestershire, Sutton Publishing. pp. 95-125.

RODRIGUES-CARVALHO, C. 2004. Marcadores de estresse ocupacional em populações sambaqueiras do litoral fluminense. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Fundação Instituto Oswaldo Cruz – Escola Nacional de Saúde Pública.

SHARP, H. S. 1981. The Null Case: The Chipewyan. In: DAHLBERG, F. (Ed.). Woman the Gatherer. London, Yale University Press, pp.221-244.

TENÓRIO, M. C. 2003. O Lugar dos Aventureiros: identidade, dinâmica de ocupação e sistema de trocas no litoral do Rio de Janeiro há 3500 anos antes do presente. Tese de Doutorado. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

UCKO, P. J. 1969. Ethnography and archaeological interpretation of funerary remains. World Archaeology, out., v. 1, No. 2: 262-280.

VIVEIROS DE CASTRO, E. 2002. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. In: VIVEIROS DE CASTRO, E. A inconstância da alma selvagem. São Paulo, Cosac & Naify, pp. 347-399.

WESOLOVSKY, V. 2000. Práticas funerárias pré-históricas do litoral de São Paulo. In: Tenório, M. C. (Org.). Pré-história da Terra Brasilis. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, pp.189 – 195.